

De um professor feito pelo 25 de Abril

# A última lição na Faculdade de Letras

■ MARIA HELENA FIGUEIREDO LIMA

Proferida pelo professor Manuel Ferreira, versou, como não podia deixar de ser, a «caracterização da literatura colonial». É que Manuel Ferreira depois de agraciado com o posto de professor universitário, por obra do 25 de Abril, pois antes nunca o fora, teve de pagar o preço dessa conquista.

Quando o elegeram para tal cargo é porque evidentemente vinha prestando serviços importantes à causa da «descolonização exemplar», pois do contrário nem se lembrariam de sua existência. Manuel Ferreira surpreendentemente logo após aquela revolução, deusou a falar e escrever tudo que de mau lhe ocorria à mente acorrentada por tantos anos de censura, que mesmo assim lhe permitiu que atirasse cá para fora com alguns livros sobre a vivência cabo-verdiana.

Sou honesta nas minhas apreciações. Manuel Ferreira é um bom escritor. Seus trabalhos sobre a problemática cabo-verdiana merecem o nosso louvor. Sua obra máxima «Ora di Bai», que alguns afirmam não ser de sua autoria — o que não acredito — é realmente de muito valor. Escreve bem, tem inteligência e domina a palavra naquela «morabeza» cabo-verdiana que o infiltrou em anos de permanência no Arquipélago. Não é, naturalmente, um escritor à altura de um Baltazar Lopes, um Jorge Barbosa ou um Manuel Lopes.

Em nossa opinião todo o indivíduo que se beneficiou durante largos anos do regime anterior a 25 de Abril e que escreveu o que queria e recebeu inclusive homenagens, foi um bajulador da situação e dos políticos de então, para passar a hostilizá-los e a denegrir a obra de tantos e quantos se empenha-

ram escrevendo e trabalhando pelo engrandecimento da Pátria multirracial, é um aproveitador, sujeito às maiores críticas e consequências do seu comportamento.

Difundiu gratuitamente que «nada foi feito nas «colónias» através dos séculos e que os negros que sabiam ler contavam-se pelos dedos e os brancos os desprezavam. «Estas afirmações faziam sempre quando ia ao Brasil nos tempos dourados do paranóico Gonçalves, em palestras em Centros e até Faculdades trabalhadas desde Lisboa. Dava-nos pena quando brasileiros nos interrogavam se era verdade que havia tanta miséria em África. É claro que esclarecíamos, por a mais b, quem era o miserável.

Quando o 25 de Abril lhe ofereceu o tacho de professor da literatura africana na Universidade, pensei que entre os senões algo havia que

se aproveitasse, dado o seu razoável conhecimento da literatura africana. Eis senão quando um jovem já licenciado, com paixão por coisas de África, foi inscrever-se no curso. Manuel Ferreira fez uma pregação aos candidatos sobre quais seriam os escritores seleccionados. O jovem mostrou-se surpreso e perguntou ao professor porque não constava o maior escritor angolano, etnólogo e sociólogo, com obras traduzidas em vários idiomas, Óscar Ribas.

Óscar Ribas, cego, filho de uma mulher negra e de um homem natural da Guarda, unidos por casamento, tem obras valiosas e trabalhos premiados quer no Brasil quer em países da Europa.

No regresso de sua viagem ao Brasil onde foi hóspede de honra, e cuja visita só a nós se deve, um trabalho de divulgação do escritor africano de expressão

portuguesa, Ribas foi condecorado pelo Governo na pessoa do Ministro do Ultramar Peixoto Correia. Anteriormente, já o Governo o havia premiado com uma tarde construiu-se um Centro de Reabilitação de cegos que recebeu o seu nome, Instituto Óscar Ribas, que visitámos. Após a independência, o Governo Angolano esqueceu-o, e Ribas viu-se na necessidade de emigrar para Portugal com as mãos vazias. Está alojado num Centro de idosos no Alcoitão.

Pois, o grande professor recusou o seu nome porque se tratava de «um homem comprometido com o fascismo e as suas obras estavam ultrapassadas».

Agora na solenidade de sua despedida tem a coragem de afirmar que «na literatura colonial as personagens de origem branca estão em larga maioria e são objecto de melhor tratamento

artístico, e as pessoas negras são simples robots». E mais «que esses textos só veiculam a ideologia imperialista, etc.».

Felizmente, que há um grande número de portugueses não colonialistas que sabem como isto é uma falsidade de cérebros doentios. Há e sempre houve uma infinidade de escritores, poetas, artistas plásticos, negros e mestiços, que alguns deles eram contrários ao regime anterior, o que não os impediu de se formarem trabalharem e exporem nos mesmos locais que seus irmãos brancos.

Não é de estranhar que entre os convivas deleitados com tanta inteligência se encontrasse um Urbano Tavares Rodrigues, um Piteira Santos e até o paranóico Vasco Gonçalves. Mas já é estranho a presença do dr. Sá Machado, em seu nome, no da Gulbenkian ou como amigo e admirador?

*Política - Profissionais*